

## Incomensurabilidade semântica e mudança de mundo em Thomas Kuhn

(Anotações iniciais para um projeto de pesquisa)<sup>1</sup>

Fabício SILVEIRA<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### RESUMO

O artigo revisita aspectos centrais da obra clássica de Thomas Kuhn, *A Estrutura das Revoluções Científicas* (KUHN, 1989). Destaca, principalmente, as noções de “incomensurabilidade semântica” e “mudança de mundo”. O texto se inscreve no âmbito de um projeto de pós-doutorado em curso junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS, no qual nos dedicamos à experimentação narrativa e ao emprego da ficção como método no interior do campo teórico da arqueologia das mídias. O artigo é também uma tentativa de examinar certos fundamentos do debate epistemológico contemporâneo, para podermos, a partir daí, avançar nas proposições e nos exercícios pontuais de nossa investigação. Pretende-se ainda sistematizar conhecimentos que possam fomentar a cultura epistemológica da área da Comunicação.

**PALAVRA-CHAVE:** *A Estrutura das Revoluções Científicas*; Thomas Kuhn; incomensurabilidade semântica; mudança de mundo.

### 1.

Desde escritos anteriores (SILVEIRA, 2018, 2019a e 2019b), a escrita de ficção tem se apresentado para nós como um fértil terreno de experiências e indagações. Essa motivação se deve também a uma bibliografia progressivamente maior, a um só tempo muito diversa e muito desafiadora, com a qual viemos tomando contato (cf. dentre

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Formado em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo pela UFSM. Mestre em Comunicação e Informação (UFRGS). Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos, RS). Pós-Doutor pela School of Arts and Media (Salford University, UK). Atualmente, realiza estágio pós-doutoral – bolsa PNPd Capes – junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS, em Porto Alegre. E-mail: fabriciosilveira@terra.com.br

---

outros<sup>3</sup>, SHAW e REEVES-EVISON, 2017; GUNKEL, HAMEED e O'SULLIVAN, 2017).

Nesse contexto, por um lado, acionam-se dúvidas e, mais do que dúvidas, veios inteiros de problematização epistemológica, que nos remetem, de modo transversal e renovado, a discussões bastante frequentadas na área da Comunicação – quais sejam: sobre a natureza do conhecimento comunicacional, incluído aí seu objeto, sobre as fronteiras e as delimitações de nosso campo, sobre nossas perspectivas disciplinares mais próprias, dignas de serem priorizadas, e sobre o tipo de cientificidade que afinal de contas produzimos.

Por outro lado, nesse percurso – aceitando-se a ficcionalidade como horizonte heurístico insinuante –, abrem-se espaços para experimentos de caráter “técnico”, seja no sentido metodológico – quando se enfatiza a dimensão *escritural* dos métodos de pesquisa –, seja enquanto realização prática (ou criação literária) possível – e referimos aqui, indistintamente, às técnicas narrativas enquanto técnicas de exposição ou apresentação de informações ao leitor (tais como cenários, personagens, diálogos, tramas e ações dramáticas), aos tantos modos de narrar (produzindo maior ou menor distanciamento das cenas e situações narradas), aos imperativos (ou não) da observação empírica ou ainda à sombra de ficcionalização que sempre parece restar ao fim ou ao início de nossos bem arrançados relatórios de pesquisa (mesmo quando não o são).

Um dado sociológico interessante: diversos pesquisadores da área da Comunicação, todos eles vinculados a importantes programas de pós-graduação do país, mantêm ou já mantiveram atuação como ficcionistas. A lista não é pequena: Suzana Kilpp (1992, 2004), Gustavo Fischer (2002), Sérgio Capparelli (1994, 2001), Carlos Gerbase (2006, 2010), Maria Helena Weber (2018), Muniz Sodré (2016), Jéder Janotti Júnior (2018), João Carrascoza (2018) e Janice Caiafa (2016). A listagem não terminaria, com certeza, por aqui.

Pode-se perguntar, a respeito disso, muitas coisas. Quais as habilidades que os permite transitar entre esses distintos espaços de produção de conhecimento? É possível racionalizar esse processo – esse trânsito, essa ambiguidade, essa dupla vida –

---

<sup>3</sup> Poderíamos citar, em acréscimo, peças mais propriamente “literárias”, como *Quem Matou Roland Barthes?* (BINET, 2016) e *Amo a Dick* (KRAUSS, 2013); ou aventuras “autoficcionais/autoteóricas”, aos moldes de Roland Barthes, tal como *Argonautas*, de Maggie Nelson (NELSON, 2017).

---

salientando, em ambos os registros, a pulsão e o investimento comuns? Reconhecido o núcleo compartilhado, lá e aqui, seria possível potencializá-lo (dele depreender, por exemplo, um método, os traços particulares de um saber)? Como, nesses casos, práticas científicas se fazem espelhar, ecoam – se é que ecoam – nos fazeres da criação escrita? Essas práticas se fertilizam mutuamente? Podem se beneficiar? De que modo?

A princípio, essas questões parecem dizer respeito a processos pessoais e subjetivos, da ordem da pessoalidade e da economia criativa de cada um. Seria equivocado tentar pensá-las, no entanto, para além da rubrica da subjetividade, suspeitando que algo da natureza epistemológica da área se deixaria insinuar aí? Esses pesquisadores se manifestam – e de que modo se manifestam – nos escritores que eles são (ou foram, ou tentaram ou sabem ser, se quiserem)?

É esse interesse pela incorporação – laboratorial e tentativa – de certos “jogos ficcionais”<sup>4</sup>, reconhecidos em seu potencial metodológico, que tem nos conduzido à pauta epistêmica aqui perseguida. O que propomos, portanto, nos limites deste texto, é um esforço de aproximação indireta – algo como um recuo estratégico, uma tomada de fôlego –, sistematizando reflexões que nos darão elementos para pensarmos, logo à frente, com maior rigor e profundidade, sobre as buscas literárias que viemos implementando noutros espaços e que são entendidas, a título de hipótese básica de trabalho, como acionadoras de um saber, dotadas de uma potência, embora difíceis de expressar, bastante úteis às práticas mais comuns de nossas investigações acadêmicas ou, no mínimo, às habilidades (racionais, observacionais e expressivas) necessárias para viabilizá-las (e passíveis de serem, como tal, ensinadas)<sup>5</sup>.

Antes de avançarmos diretamente na implementação prática de uma “epistemologia fabulatória” (FELINTO, 2013) ou de exercícios de “fabulação

---

<sup>4</sup> Além dos títulos mencionados na nota anterior, *Em 1926. Vivendo no limite do tempo*, de Hans U. Gumbrecht (1999), *Testo Yonqui*, de Paul Beatriz Preciado (2008), *Vampyrotheuthis Infernalis*, de Vilém Flusser e Louis Bec (2011) e *Cyclonopedia. Complicity with anonymous materials*, do filósofo iraniano Reza Negarestani (2008), são alguns dos textos que nos remeteram, nos últimos anos, à discussão sobre o emprego da ficção como método. Entre si, são livros muito distintos, obviamente (SILVEIRA, 2019b). Todos eles, no entanto, guardam um forte acento de “ficção”. São “artifícios científicos” atravessados, em larga medida, por processos de invenção e franca fabulação. Esse mesmo carácter, mais nuclearmente, pode ser explorado, construído ou ampliado, de forma teórica, desdobrando-se a noção de “mídia imaginária” (KLUITENBERG, 2016), disponível no campo das chamadas arqueologias das mídias (MELLO e CONTER, 2017; ZIELINSKI, 2006). É como se tivéssemos encontrado, nessa paisagem teórica, um conceito capaz de justificar e aglutinar experiências às quais vínhamos sendo provocados por leituras anteriores, pautadas, cada uma delas, por motivações difusas e muito diferentes entre si.

<sup>5</sup> É como se tivéssemos nos perguntando: o que eu aprendo sobre ciência e metodologia de pesquisa quando me dedico a escrever um conto, uma novela ou um romance?

maquinica” (ARAÚJO e SILVA, 2018) – o que detona e acolhe essas explorações textuais, no âmbito de nosso projeto, é o conceito de “mídia imaginária”<sup>6</sup> (KLUITENBERG, 2016) –, nos pareceu cauteloso revisar certos preceitos ou fundações do debate epistemológico contemporâneo<sup>7</sup>. Em síntese, adotando-se um recorte muito delimitado – Kuhn e a estrutura das revoluções científicas –, é o que procuraremos fazer aqui.

## 2.

Ao lado de Paul Feyerabend (1924-1994), Thomas Kuhn (1922-1996) é um dos *enfants terribles* da ciência moderna. Ambos são assistidos de perto pelo austríaco Karl Popper (1902-1994). Os três se encarregaram de dinamitar o senso comum e fundamentar certas convenções que hoje envolvem o discurso e as práticas científicas<sup>8</sup>.

Assim como Feyerabend, Kuhn faz pouco caso dos métodos das ciências. Para ele (LUNGARZO, 1989, p. 47), “conhecer o que é ciência significa conhecer sua história”. O estado atual de uma pesquisa se dá em função do modo como ela se coloca

---

<sup>6</sup> Nosso projeto de partida propunha um recenseamento das vertentes teórico-metodológicas da arqueologia das mídias. Como primeiro recorte de operacionalização – e para destrincharmos, pouco a pouco, esse mapa de variações –, optamos, nesta fase, por centrar nossas explorações em torno da noção de “mídia imaginária”. Para Eric Kluitenberg, o autor que puxa a discussão, não interessam, de modo geral, tão somente as *mídias mortas* (“*dead media*”, no inglês), nem tão pouco as “mídias ressuscitadas” (no inglês, “*zombie media*” [HERTZ e PARIKKA, 2016]) – mídias trazidas de volta à vida, em função de suas novas reconfigurações, seus novos arranjos ou reformatações (mercado-)tecnológicas –, mas, sobretudo, as mídias não existentes, de fato (ao contrário das demais), mídias que nunca foram efetivamente concebidas, mas que habitam mundos ficcionais, que fazem parte do imaginário humano, que compõem um repertório de sonhos e desejos (ou imagens) de futuro plasmados esteticamente, no campo das artes, do cinema, da literatura, do cinema de animação ou das histórias em quadrinhos. Defende-se aqui, claro está, a importância dos estudos não apenas das tecnologias propriamente ditas, mas também dos discursos produzidos sobre elas, os discursos capazes de constrangê-las, antecipá-las e consolidá-las. “Inventar ecologias midiáticas” se tornou, para nós, um ótimo problema, simultaneamente teórico e prático. Um ótimo desafio. O presente artigo não deixa de ser uma preparação – um cauteloso pedido de licença – para que essas “ficções metodológicas” (ou “ficções teóricas”) venham a ser testadas, mais à frente. O livro *Gigante Figura*, lançado em 2018, é um primeiro movimento nesse sentido: uma ficção *steampunk*, uma história alternativa, poderíamos dizer, passível de ser lida como um estudo midiarqueológico (SILVEIRA, 2018, 2019b).

<sup>7</sup> Além do livro de Thomas Kuhn – e em paralelo às leituras primárias e secundárias, consideradas a partir do núcleo de formulações do projeto –, também retomamos leituras e sistematizamos anotações, ao longo do primeiro semestre de 2019, sobre a epistemologia de Karl Popper, sobre o empirismo lógico (na via de Ludwig Wittgenstein) e os *novos realismos* (na via do jovem filósofo alemão Markus Gabriel [2016a, 2016b, 2018]). Esses estudos são estudos preparatórios, digamos assim. Nos servem porque nos fazem ter comedimento. Apesar de aparentemente “distantes”, “afastados demais”, em correspondência com o nosso núcleo teórico de referência, alimentam, mesmo assim, percepções mais finas sobre os exercícios de escrita e invenção que temos em mente.

<sup>8</sup> O contato com *A Estrutura das Revoluções Científicas* pode suscitar a impressão de que há certa sintonia entre algumas ideias ali contidas e outras apresentadas por Karl Popper em seu *Conjecturas e Refutações* (1994). Por exemplo: a ideia da falência ou da crise dos paradigmas, utilizada por Kuhn, parece adequar-se à ideia de Popper de que as teorias científicas precisam ser refutadas e tão logo substituídas por outras. A ideia de que o desenvolvimento científico se dá às negativas também aparece em ambos os autores. Esse cotejamento específico, no entanto, merece ser aprofundado noutro momento.

---

em relação ao seu próprio passado. Kuhn fala numa “tensão essencial” entre esses universos temporais (e os mundos cognitivos que eles produzem).

O progresso do raciocínio científico, para Kuhn, não pode ser entendido num sentido positivo, como um todo harmônico que apara suas arestas no decorrer da história, como um quebra-cabeças que vai se compondo ao longo do tempo. As evoluções científicas, ao contrário, encerram algo de negativo, na medida em que se processam aos recuos e aos desvios. É irônico que o avanço da ciência venha da negação dos cânones institucionalizados pela ciência “normal” (um termo usado de modo um tanto pejorativo pelo autor aqui destacado).

O progresso resulta do questionamento dos dogmas estabelecidos pelo conhecimento científico vigente – que é sempre o conhecimento de maior trânsito numa determinada comunidade científica, numa determinada época. Ou seja: é fruto do questionamento daquilo que está posto e é tido como convencionalizado.

Kuhn relativiza o papel do método científico. Dá a ele posição secundária no debate sobre as ciências. “Em primeiro lugar, ao menos na ordem de apresentação, está a insuficiência de diretrizes metodológicas para ditarem, por si só, uma única conclusão substantiva para várias espécies de questões científicas”, ele coloca (p. 22).

No extremo, Kuhn admite, timidamente, um princípio de incerteza na raiz das descobertas científicas. “(...) Cientistas falam [...]” – diz ele (KUHN, 1989, p. 158) – “de ‘vendas que caem dos olhos’ ou de uma ‘iluminação repentina’ que ‘inunda’ um quebra-cabeças que antes era obscuro, possibilitando que seus componentes sejam vistos de outra maneira”. Coloca-se aqui, como uma sugestão ainda não fundamentada, a ideia de que a intuição ou uma certa vagueza metodológica estaria na base do procedimento científico.

Ao invés de se deter nas questões relativas ao método, Kuhn dá atenção ao estudo da História da Ciência (“me aconteceu de ter sido lançado da ciência para sua história”, diz ele, logo ao início de *A Estrutura das Revoluções Científicas*). Kuhn vê o fazer científico como processo não-linear e não-cumulativo, marcado por conflitos, negações e choques, onde as descobertas e as invenções individuais são vistas como pouco prováveis e de difícil determinação.

---

### 3.

Entre as ideias lançadas por Kuhn, o emprego do termo “paradigma” para designar um quadro de referências ou de conhecimentos básicos, convencionalmente aceitos numa determinada comunidade científica, tornou-se a mais marcante.

Kuhn elabora ainda outras contribuições de peso: formula a ideia de que o progresso científico se dá apenas em função de certas “revoluções” com as quais a ciência se depara e, além disso, lança as bases para uma concepção de “ciência normal”, que seria aquela “firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas”, de tendência cumulativa, e que “não tem como objetivo trazer à tona novas espécies de fenômeno”, buscando, acima de tudo, confirmar e ampliar os limites do paradigma em que está inserida.

Os paradigmas de Thomas Kuhn são as “realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para a comunidade de praticantes de uma ciência” (p. 13). Os paradigmas são modelos ou padrões aceitos, são um sistema de expectativas formadas acerca de determinadas práticas científicas.

Duas características marcantes possuem os paradigmas, conforme o próprio Kuhn (p. 30): “Suas realizações foram suficientemente sem precedentes para atrair um grupo duradouro de partidários (...) e suficientemente abertas para deixar toda a espécie de problemas para serem resolvidos pelo grupo redefinido de praticantes da ciência”.

Os paradigmas formam um sistema de expectativas e passam a corresponder a certas reações, crenças, experiências e vivências culturais e sociais. Constituem não só a ciência, mas também a própria natureza, na medida em que passam a representar a visão que dela temos e, a partir daí, a relação que mantemos com ela. Os paradigmas constituem “tradições” e “mundos mentais”. São configurações conceituais e, num certo sentido, *gestálticas*.

O conceito de “ciência normal” se refere a uma determinada prática científica que se encontra presa nos limites de um paradigma científico qualquer. A ciência normal quer ampliar o conhecimento daqueles fatos que o paradigma apresenta como relevantes, aumentando as correlações entre esses fatos e as previsões do paradigma e

---

articulando ainda mais, por dentro, o próprio paradigma. “Os cientistas (defensores da ‘ciência normal’)” – é Kuhn (1989, p. 45) quem está dizendo – “também não estão constantemente procurando inventar novas teorias; frequentemente se mostram intolerantes com aquelas inventadas por outros. Em vez disso, a pesquisa científica normal está dirigida para a articulação daqueles fenômenos e teorias já fornecidos pelo paradigma”.

A pesquisa científica normal, em suma, está pouco interessada em produzir novidades, seja no domínio dos conceitos, seja no domínio dos fatos. A ciência normal pretende reforçar e consolidar um certo paradigma calcado em alguma contribuição do passado. Busca corresponder a um sistema de expectativas criado. Nele, busca enquadrar-se.

Contudo, mesmo assim, os resultados obtidos pela ciência normal são significativos porque contribuem para aumentar o alcance e a precisão com os quais o paradigma pode ser aplicado. E “quanto maiores forem a precisão e o alcance de um paradigma, tanto mais sensível este será como indicador de anomalias” (KUHN, 1989, p. 92).

Nociva ao pensamento científico, e até contrária à evolução da ciência, é uma certa atitude dogmática que se coloca ao lado da prática da ciência normal. Tal atitude é capaz de evitar o questionamento e a dúvida, que são os motores das descobertas científicas e que impulsionam o desenvolvimento da ciência.

Outra das ideias marcantes de Kuhn é aquela que diz que todo o progresso científico resulta de momentos de tensão, entendidos como crises de paradigmas ou como revoluções que irão levar à construção de novos modelos para a prática científica. A evolução é fruto destes choques frontais com o passado. A revolução científica é o momento em que um paradigma vigente passa a revelar-se insuficiente, passa a mostrar-se pouco produtivo. Surge então a necessidade da criação de novos paradigmas e de novos modelos de análise. Um novo mundo mental poderá emergir.

Sendo assim, o desenvolvimento científico não se processa de maneira gradual e cumulativa. “A aquisição cumulativa de novidades é de fato não apenas rara, mas em princípio improvável”, diz o autor (p. 130). Sob essa perspectiva, Kuhn assume um viés evolucionista, na medida em que, para ele, a ciência evolui flagrantemente. Não se trata,

---

no entanto, de um acento idealista. “Para ser mais preciso”, diz ele (p. 213), “talvez tenhamos que abandonar a noção, explícita ou implícita, segundo a qual as mudanças de paradigma levam os cientistas e os que com eles aprendem a uma proximidade sempre maior da verdade”.

#### 4.

A compreensão de ciência de Kuhn se apoia, como vemos, no reconhecimento de tensões e afloramentos históricos. O progresso científico adviria desses períodos de crise e conflito entre paradigmas. As noções de “incomensurabilidade semântica” e “mudança de mundo”, presentes n’*A Estrutura das Revoluções Científicas* evidenciam, cada uma ao seu modo, com funções e tons distintos, essa compreensão. Torna-se fundamental, portanto, destacá-las.

Além disso – apesar da centralidade que adquirem no pensamento de Kuhn –, são noções dotadas de alguma imprecisão (ou pouco tratadas), o que motiva também, em torno delas, importante fortuna crítica (MORENO, 1995; GARCIA, 2010; MELOGNO, 2017).

Vale reconhecer, de saída, que os termos em si mesmos resultam apresentados de modo escorregadio, sem que tenhamos maiores especificações sobre o sentido que se atribui a eles. Moreno (1995) destaca esse aspecto: o termo “incomensurabilidade”, por exemplo, corre um pouco obscurecido, sem receber maior destaque até o nono capítulo do livro de Kuhn. Cabe dizer também que a expressão é tomada numa equivalência irregular com a noção de “incompatibilidade”. Mas qual é, afinal de contas, a distinção entre ambas? Que peso específico cada uma delas agrega à discussão?

A princípio, a incomensurabilidade refere à relação entre dois paradigmas científicos sucessivos: um deles está superado; outro, recém se afirma através de processos de reinvenção/revolução paradigmática. Ou seja: o conceito indica a impossibilidade de que uma tradição de ciência se deixe ou se faça explicar através dos termos de outra.

Um detalhe que se coloca em discussão é outra oscilação na reflexão de Kuhn: ele fala em paradigmas *sucessivos* e fala também em paradigmas *rivais*, sendo que, na



---

primeira vez em que o termo aparece, alega Moreno (1995, p. 443), é usado para referir às disputas teóricas internas, dadas no interior de um mesmo paradigma, em seu processo normal de afirmação, ampliação e consolidação. É simples: dois paradigmas científicos divergentes não podem ser compatíveis ao mesmo tempo. A incomensurabilidade alude a isso, sendo mais forte do que mera incompatibilidade.

Dois paradigmas científicos quando se tocam, nos momentos históricos em que se embatem, não despertam questões apenas de fronteira epistêmica (ameaças à disciplinaridade segura e auto-centrada), mas de escolha e comparação entre ambos. A incomensurabilidade, para Khun, ajudaria a compreender esses fenômenos. O termo indica que não haveria mediação ou espaço comum (espaços de partilha) entre dois paradigmas rivais ou sucessivos. Eles seriam incapazes de dialogar ou de se tocar, mutuamente. O que, por sua vez – a título de problematização crítica à formulação de Kuhn –, despertaria um desconforto: se há mesmo incomensurabilidade, a passagem de um para outro paradigma seria súbita, abrupta? Não seria melhor que as alterações se dessem num processo de negociação, descoberta e argumentação progressivas? Isso faz com que se imponha, nessa interpretação kuhniana da ciência, um tipo de “conversão” repentina. Adere-se a um novo paradigma – pode-se depreender daí – através de um processo de conversão imediata. O que implica trazer um elemento de irracionalidade para os domínios da ciência (MORENO, 1995). É um dos impasses em que se empenham os comentadores.

Kuhn fala ainda em distintos tipos de incomensurabilidade: 1) *incomensurabilidade de standarts* – *standarts* seriam princípios inerentes de cada paradigma, que fazem com que, dentro dele, uma questão possa se colocar e, depois dela, uma resposta possa ser buscada, em consonância com a pergunta estruturada no interior do paradigma; 2) *incomensurabilidade de termos* – no caso, os conceitos em jogo, a terminologia e o jargão linguístico com que um paradigma se afirma, o modo linguístico como ele se refere ao mundo; 3) *incomensurabilidade de formas de ver o mundo* – ou seja, os paradigmas não constituem apenas a ciência, mas, a partir dela, constituem o mundo, o modo como ele é visto e vivido.

Quando um paradigma científico cai, junto com ele cai um mundo. Os mundos pré-revolucionário e pós-revolucionário – no sentido kuhniano – se demarcam como

---

distintos. Nesses momentos a incomensurabilidade entre eles pode se deixar dimensionar<sup>9</sup>.

## 5.

Existem muitas nuances a serem percebidas e muitas implicações a serem extraídas do texto de Thomas Kuhn. O que fizemos é uma leitura de pouco fôlego. Uma resenha mais detalhada, sem dúvida, seria necessária. De todo modo, o que temos já parece suficiente para que façamos, aos blocos, algumas ressalvas ou reflexões de *meio* (ou melhor: de *início*) *de caminho*, considerando os passos vindouros de nossa investigação.

Primeiro bloco: não estamos fazendo aqui uma discussão teórica. Se estivéssemos, teríamos o próprio conceito de “mídia imaginária”, bem como o contexto circunscrito da arqueologia das mídias, por exemplo, alçados à condição de maior visibilidade. *A Estrutura das Revoluções Científicas* nos obriga a pensar as experiências de ficcionalização – o dimensionamento da ficcionalidade como benéfica à prática científica – para além das teorias específicas às quais nos filiamos, tomando-se o conhecimento comunicacional mais amplamente, em termos de sua maturação histórica – é para isso que Kuhn nos faz atentar, sobretudo –, suas pulsações de afirmação e de rompimento paradigmáticos. A tensão vivida na prática científica é a tensão entre o respeito devocional e o desafio estimulante aos saberes validados pelos pares. Sendo assim, onde essa apropriação do ficcional, ora pretendida, se insere? Em que ponto se encontra nesse batimento permanente (*pré* ≥ *paradigmático* ≥ *pós* ≥ *paradigmático* ≥ *pré*)?

Além disso, o quadro de problemas (mal, pois rapidamente) postos ao início do artigo configura um debate tanto epistemológico quanto gnosiológico<sup>10</sup>, isto é,

---

<sup>9</sup> Ao alargar a discussão sobre incomensurabilidade, Kuhn nos faz entrever também, através dela, questões sobre tradução, interpretação e aprendizagem. Embora ótimas, são angulações que excedem o recorte que, em decorrência de razões diversas – da fadiga e do sono à limitação de espaço –, arbitramos.

<sup>10</sup> Gnosiologia é um termo de pouco sucesso. É a Teoria do Conhecimento que se atém ao conhecimento em geral, às tantas modalidades de saber e regimes de crença. A Ciência – anunciada assim, com “C” maiúsculo – é apenas uma delas (cf. MARTINO, 2003). “De resto, quando se fala em Teoria do Conhecimento, não se entende apenas o conhecimento do modo como ele se configurou historicamente no mundo moderno – ou seja, o problema de como atingir um objeto ‘externo’ a partir de algum dado ‘interno’ –, porém, mais em geral, entende-se toda e qualquer forma de reflexão filosófica em torno do conhecimento, como quer que seja entendida e praticada” (ABBAGNANO, 2012, p. 215).

---

referentes não apenas à lógica, à validação e à fundamentação teórico-procedimental *internas* de uma ciência, mas às relações entre essa suposta ciência (uma [controversa] ciência da Comunicação) e os saberes extra-científicos (artísticos – literários, no caso) que a circundam, perfazem seu contorno e sua exterioridade. A questão que fica, nesse momento, é a seguinte: nessa linha de continuidades e adensamentos sutis, quando inicia, *propriamente*, o debate epistemológico? Acaso já terá iniciado? Ou ainda: é esse enquadramento – o enquadramento sócio-historiográfico da *epistème* kuhniana – aquele que melhor se afina às diretrizes teóricas que já temos? Se nossos objetos – “ecologias comunicacionais ficcionalizadas” é um modo de dizê-los –, além de estarem em permanente processo de elaboração, se fazem teorizar, determinadamente, por seu chamado à *construção histórica*, à *invenção simbólica* e à *imaginação criadora*, Kuhn é quem melhor os estimula e os faz florescer?

Segundo: considerando os saberes reconhecidos, vistos em circulação, aceitos como hegemônicos – muito embora o campo da comunicação tenha se notabilizado pela diversidade não excludente, a concomitância de suas perspectivas teórico-metodológicas –, podemos isolar um paradigma (ou, pelo menos, cristalizar veios paradigmáticos mais consistentes, de maior apelo – logo, mais universalizáveis)? Que tipo de oposição a esse paradigma se está propondo – com vistas à virtual superação pós-paradigmática –, quando se propõe a incorporação da ficção como método na pesquisa comunicacional? São diálogos incomensuráveis que estamos vislumbrando (e que a bibliografia da qual partimos nem dimensiona satisfatoriamente, nem os enfrenta)? São incomensurabilidades de que natureza (de *standarts*, de *termos*, de *formas de ver o mundo*)? São caprichos retóricos? São distrações? São falsos problemas?

Tendo em vista que um paradigma não fornece apenas os procedimentos válidos, os instrumentos teóricos e as respostas possíveis, mas sobretudo, e fundamentalmente, a própria condição de possibilidade das perguntas a serem feitas, quais os ganhos reais – em termos de compreensão efetiva dos métodos de pesquisa, em termos das estratégias de acesso ao mundo fenomênico, em termos do tipo de conhecimento – que teremos? Existe nesse conjunto de indagações algum *potencial revolucionário*, o estopim de uma “mudança de mundo” (dando vazão à terminologia de Thomas Kuhn)?

---

Terceiro: uma epistemologia da literatura (SILVA, 2018; NODARI, 2015)<sup>11</sup> e uma epistemologia da comunicação, sejam elas quais forem, se conectam? De que modo? Em que momento? Salientar esse nexos nos permite que tipo de compreensão mais abrangente sobre a área da comunicação (sobre o funcionamento regular das mídias, melhor dito) e sobre o futuro de nossas pesquisas? Que conversa, enfim, é essa?

Os exercícios literários – é a investigação na qual continuaremos investindo – podem se revestir de um sentido metodológico *strico sensu* (além de auxiliarem, é claro, na construção de lampejos teóricos mais colados às situações específicas que compreendem e formatos de exposição pública mais abertos e plurais)? Experimentos científicos e experimentos ficcionais podem estabelecer entre si conexões produtivas?

São questões em aberto. Só a continuidade do trabalho (a partir de Kuhn; para além de Kuhn) poderá então redimensioná-las.

## Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ARAÚJO, A.; SILVA, F. S. Ficção científica e fabulação maquínica. In: MADARASZ, N.; COSTA, A. L. (orgs.). **Deleuze-Guattari: a escrita e a literatura na imanência da velocidade**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018, p. 75-105.
- ASSIS BRASIL, L. A. **Escrever Ficção**. Um manual de criação literária. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.
- BENJAMIN, W. **Passagens**. São Paulo, Belo Horizonte: Imprensa Nacional de São Paulo, Ed. UFMG, 2007.
- BINET, L. **Quem Matou Roland Barthes?** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- CAIAFA, J. **Patchwork**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.
- CAPPARELLI, S. **Os Meninos da Rua da Praia**. Porto Alegre: LP&M, 2001.

---

<sup>11</sup> Pistas preciosas para a elaboração de uma epistemologia da literatura são dadas por esses autores (SILVA, 2018, e NODARI, 2015). Nos dois casos, lança-se mão de estratégias *comparativistas*, cotejamentos disciplinares (literatura *versus* filosofia do conhecimento; literatura *versus* antropologia, respectivamente). Isso nos induz a pensar, também por comparação, as afinidades e as aproximações possíveis entre *epistêmes* literárias e comunicacionais. “Em sua obra principal sobre filosofia da ciência, Karl Popper afirma que epistemologia é o nome que se dá para a lógica da pesquisa científica. Se retirarmos o ‘científica’ [da afirmação] de Popper, podemos dizer que epistemologia é o nome que se dá para toda e qualquer lógica de pesquisa. Desse modo, é correto pensar que qualquer tentativa de construir conhecimento acerca de um determinado problema requer lógica de investigação. Em literatura não seria diferente. É inevitável que o conhecimento literário passe por uma logicidade de procedimentos, ainda que esta não esteja de acordo com os parâmetros científicos”, diz Victor Silva (2018, p. 109). É um bom ponto para passarmos ao estudo de Karl Popper.

- 
- \_\_\_\_\_. **As Meninas da Praça da Alfândega**. Porto Alegre: LP&M, 1994.
- CARRASCOZA, J. A. **Aquela Água Toda**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2018.
- ERNST, W. Arqueografia da mídia: método e máquina *versus* história e narrativa da mídia. **TECCOGS: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, TIDD | PUC-SP, São Paulo, n. 14, p. 42-62, jul-dez. 2016.
- FELINTO, E. Novos materialismos, realismo especulativo e comunicologia: sobre algumas proposições para as ciências humanas em diálogos com as artes e tecnologias contemporâneas. In: PEREIRA, V. A.; CASTELLARI, A. C. (orgs.). **ARTECNOLOGIA: Arte, Tecnologia e Linguagens Midiáticas**. Porto Alegre: Buqui, 2013.
- \_\_\_\_\_. Zona Cinzenta: imaginação e epistemologia fabulatória em Vilém Flusser. In: FELINTO, E.; MÜLLER, A.; MAIA, A. (orgs.). **A Vida Secreta dos Objetos: Ecologias da Mídia**. 1ed. Rio de Janeiro: Azougue, 2016, p. 11-27.
- FISCHER, G. **No Auto-Exílio do Meu Headphone**. Porto Alegre: Armazém Digital, 2002.
- FLUSSER, V.; BEC, L. **Vampyroteuthis Infernalis**. São Paulo: Annablume, 2011.
- GABRIEL, M. **Por Que o Mundo Não Existe**. Petrópolis – RJ: Ed. Vozes, 2016a.
- \_\_\_\_\_. **O Sentido da Existência**. Para um novo realismo ontológico. Rio de Janeiro – RJ: Civilização Brasileira, 2016b.
- \_\_\_\_\_. **Eu Não Sou Meu Cérebro**. Petrópolis – RJ: Ed. Vozes, 2018.
- GARCIA, J. C. A. El cambio de la visión de mundo y el realismo científico. **Revista Disertaciones**, n° 1, Año 2010, p. 132-147.
- GERBASE, C. **Todos Morrem no Fim**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Professores**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- GUMBRECHT, H. U. **Em 1926: vivendo no limite do tempo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- GUNKEL, H.; HAMEED, A.; O’SULLIVAN, S. (orgs.). **Futures & Fictions**. London: Repeater Books, 2017.
- HERTZ, G; PARIKKA, J. Mídia zumbi: desvio de circuito da arqueologia da mídia para um método de arte. **TECCOGS: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, TIDD | PUC-SP, São Paulo, n. 14, p. 98-113, jul-dez. 2016. Tradução de Alessandro Mancio de Camargo.
- JANOTTI JR, J. **Levedação**. Recife: Titivillus Editora, 2018.
- KILPP, S. **Ana Quaresma**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1992.
- \_\_\_\_\_. **O Norte é para Lá**. Porto Alegre: Armazém Digital, 2004.

- KLUITENBERG, E. Sobre a arte das mídias imaginárias. **TECCOGS: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, TIDD | PUC-SP, São Paulo, n.14, p. 137-150, jul-dez. 2016. Tradução de Murilo Henrique Sanches.
- KRAUSS, C. **Amo a Dick**. Barcelona: Alpha Decay, 2013.
- KUHN, T. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- LUNGARZO, C. **O Que é Ciência**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MARTINO, L. C. As epistemologias contemporâneas e o lugar da Comunicação. In: LOPES, M. I. V. (org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 69-101.
- \_\_\_\_\_. **Escritos sobre epistemologia da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2017.
- MELLO, J. G.; CONTER, M. B. (orgs.). **A(na)rqueologias das Mídias**. Curitiba: Appris, 2017.
- MELOGNO, P. Divergentes: Kuhn, Feyerabend, inconmensurabilidad y sentido crítico. In: CAMEJO, M.; GIRI, L.; MIGUEL, H. (comps.). **Ciencia, Tecnología y Educación: miradas desde la filosofía de la ciencia**. Montevideo: Byblos, 2017, pp. 141-163.
- MORENO, L. F. La noción de inconmensurabilidad en Kuhn. **Lull**, vol. 18, 1995, 441-456.
- NEGARESTANI, R. **Cyclonopedia**. Complicity with anonymous materials. Melbourne: Re.Press, 2008.
- NELSON, M. **Argonautas**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.
- NODARI, A. A literatura como antropologia especulativa. **Revista da Anpoll** nº 38, p. 75-85, Florianópolis, Jan./Jun. 2015, 11p.
- POPPER, K. **Conjecturas e Refutações**. Brasília: UnB, 1994.
- SHAW, J. K.; REEVES-EVISON, T. (orgs.). **Fiction as Method**. Berlin: Sternberg Press, 2017.
- SILVA, V. L. Apontamentos para uma epistemologia da literatura. Periódico **Héstia**, Curitiba – PR, v. 2, n. 1, 2018, p. 103-126.
- SILVEIRA, F. **Gigante Figura**. Porto Alegre – RS: Riacho, 2018.
- \_\_\_\_\_. Esse metal incandescente... O conceito de texto em Roland Barthes e a escrita de ficção como método. In: FEIL, G. S.; OLIVEIRA, M. R.; FEITOSA, S. **T3xto**. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2019a, 247p.
- \_\_\_\_\_. Gigante Figura. Arqueologia das mídias, transficcionalidade e experimentação narrativa. In: VIANNA, S.; SOARES, N. M. M. (orgs.). **SDISCON – II Encontro Internacional SDISCON: estudos semióticos, gêneros discursivos e ensino na contemporaneidade**, Manaus – AM, Universidade do Estado do Amazonas (UEA), 2019b, no prelo.
- SODRÉ, M. **A Lei do Santo**. Rio de Janeiro: Malê Editora, 2016.

WEBER, M. H. **Na Língua Delas**. Porto Alegre: Modelo de Nuvem, 2018.

ZIELINSKI, S. **Arqueologia da Mídia**: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir. São Paulo: Annablume, 2006.